

O JORNAL MURAL COMO UM RECURSO EDUCOMUNICATIVO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL¹

Jenifer Poliana Marques Milagres²

Daniela Fantoni de Lima Alexandrino³

Cintia Lúcia de Lima⁴

RESUMO

O presente estudo objetivou compreender como a Educomunicação, através do jornal mural, pode contribuir para a aprendizagem na educação especial. Para tanto, o trabalho foi dividido em 3 partes: a 1ª apresentou a metodologia escolhida (pesquisa descritiva do tipo relato de experiência); na 2ª foi realizada uma reflexão acerca da educação inclusiva e os desafios enfrentados no ambiente escolar para se compreender o papel da educomunicação e do jornal mural na inclusão escolar e, na 3ª, apontou-se o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos através do jornal mural. Concluiu-se que se faz fundamental repensar as práticas pedagógicas, visando uma aprendizagem mais eficaz e com objetivos maiores pautados na inclusão do aluno com NEE, garantindo não somente a inserção, mas o sucesso do mesmo.

Palavras-chave: Educomunicação; Educação Inclusiva; Jornal Mural.

INTRODUÇÃO

A junção entre educação e comunicação aponta a existência de um novo campo de reflexão, a educomunicação. Nesta perspectiva, a educomunicação utiliza os meios de comunicação como ferramenta de ensino, na busca de uma aprendizagem que foge do tradicional e emprega uma perspectiva educacional mais prazerosa e lúdica (Soares, 2011).

Assim, percebemos que há uma necessidade de desenvolver no contexto escolar, alunos críticos, autônomos e ativos no processo educacional que compreendam os conhecimentos através de sua vivência e de sua realidade. Desta forma, a educação só é possível enquanto ação comunicativa, uma vez que este fenômeno esteja presente em todos os momentos da formação do cidadão (Soares, 2011).

Nesse sentido, buscamos com esse trabalho compreender como a educomunicação, através do jornal mural, contribui para a aprendizagem na educação especial, de modo a

¹ Esse trabalho é fruto de um projeto de extensão financiado pelo Programa de Apoio a Projetos de Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAEX/UEMG).

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

³ Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

⁴ Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ).

possibilitar que as crianças especiais se tornem mais participativas e reconhecidas no ambiente escolar, tornando a inclusão realizável e não apenas uma imposição. Com isso, procuramos uma prática educacional e interdisciplinar que realize esta ação e que auxilie o processo de desenvolvimento desses indivíduos. Para tanto, nosso embasamento teórico foi feito, principalmente, sobre os estudos de Soares (2000 e 2011) e Mantoan (2003 e 2005) no que tange a educação e a inclusão respectivamente.

Destarte, este trabalho foi dividido em três partes, sendo que na primeira apresentamos a metodologia escolhida que foi o estudo descritivo através do relato de experiência. Na segunda parte, abordamos a necessidade de uma reflexão acerca da inclusão escolar e sobre o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais no ambiente escolar, apontando as leis que asseguram a estes alunos um ensino de qualidade, respeitando suas diferenças e limites. Já na terceira, expomos como o jornal mural contribui para a aprendizagem dos alunos com necessidades especiais por meio de práticas pedagógicas lúdicas que contextualizam o conhecimento e possibilitam a participação ativa de todos os alunos na sua construção, tornando a inclusão de fato realizável.

METODOLOGIA

Este trabalho faz parte de um projeto de extensão e se ancora na metodologia descritiva do tipo relato de experiência.

DESENVOLVIMENTO

A proposta de uma educação inclusiva nunca esteve tão presente no ambiente escolar. Há também grandes desafios a serem enfrentados pelos docentes ao se sentirem perplexos e despreparados para lidarem com as dificuldades encontradas no cenário escolar. Desta forma, faz-se necessário uma reflexão acerca da inclusão escolar, afinal, presume-se que a escola é um ambiente acolhedor que aceita a diversidade como um todo. Sendo assim, este tópico visa abordar a inclusão de alunos com necessidades especiais de forma a refletir sobre seu processo de inclusão no ambiente escolar.

Segundo Miranda (2003), a história da educação de alunos com necessidades especiais passou por algumas fases, a primeira delas, na era pré-cristã, foi marcada pelo total desleixo. As pessoas com deficiência eram caçadas, eliminadas e exploradas por suas características atípicas e toda a população considerava justo e normal essa conduta.

Outra fase ocorreu entre o século XVIII e meados do século XIX, nela ocorria a segregação social, as pessoas deficientes eram excluídas da família e da sociedade, ficavam isoladas de toda a população, confinadas em abrigos e não havia controle sobre a forma que esses indivíduos eram tratados. Também foi nesta época que surgiram as escolas especiais, uma vez que a população começou a entender que os deficientes eram capazes de aprender, desde que, recebessem um tratamento especial. Por isso, foram fundados centros de reabilitação (Sasaki, 2003).

No final da década de 1970 e no início da década de 1980, muitos alunos com necessidades especiais começaram a ser integrados em classes regulares, pelo menos por meio turno (Stainback e Stainback, 1999). Desta forma, com o surgimento das escolas especiais, a população passa a mudar o pensamento, surge então uma preocupação com a educação dessas crianças com deficiência, porém a exclusão ainda se encontrava presente.

Em março de 1990, o Brasil participou da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia, na qual foi proclamada a Declaração de Jomtien, onde os países relembram que “a educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens, de todas as idades, no mundo inteiro” (Grande, 2006, p. 20).

A partir de 1994, durante um congresso na cidade de Salamanca, na Espanha, surgiu o conceito de unificação desses dois sistemas, portanto, educação especial e educação regular passaram a ser encaradas como único sistema. Com isso, alunos com necessidades educacionais especiais deveriam frequentar a sala de aula, junto com os demais alunos do ensino regular (Ibidem).

Desta maneira, ainda para Grande (2006), a educação inclusiva deve ter como ponto de partida, o coletivo, a escola e a classe comum, onde todos os alunos com necessidades educativas, especiais ou não, precisam ter acesso ao conhecimento, à cultura e progredir no aspecto pessoal e social.

Por conseguinte, inclusão é buscar uma educação que visa qualidade para todos, sem nenhum tipo de exclusão, respeitando as diferenças e limites. Marqueti (2013, p.14), destaca que, a inclusão é:

[...] colocar-se no lugar do outro, compreender suas limitações, seu ponto de vista, suas potencialidades e motivações, desenvolvendo dessa forma atitudes de solidariedade e capacidade de conviver com as diferenças, garantindo a todos os alunos condições de aprendizagem, seja por meio de intervenção pedagógica ou de medidas que atendam às necessidades individuais. A inclusão veio justamente ampliar as possibilidades para construir uma sociedade mais justa, dando oportunidade para todos, de ocuparem seus espaços, buscando conquistar uma autonomia.

A inclusão busca uma escola que esteja em constante transformação e construção de melhorias pelas diferenças, promovendo mudanças de atitudes, modificação e adaptação da estrutura escolar. Desta maneira, a Declaração de Salamanca (1994, p.5) estabeleceu que:

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma comunidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola.

Conforme Marqueti (2013), o primeiro passo para efetivação de um processo inclusivo, é quando a escola passa a aceitar e valorizar as diferenças, com intuito de proporcionar uma educação de qualidade a todos. Ou seja, ao optar pelo modelo inclusivo de educação, muda-se o pensamento, a forma de ensino e aprendizagem, transformando a perspectiva da comunidade de modo geral, aprimora o conhecimento e o respeito das pessoas com deficiência.

Porém, infelizmente a realidade das nossas escolas ainda perpassa por um longo caminho para que, de fato, a inclusão aconteça. Para isso, é preciso incluir efetivamente o aluno com necessidade especial e não somente o matricular em um ensino regular. O processo inclusivo segundo Mrech (1998, p.37-39),

[...] visa atender ao máximo a capacidade da criança portadora de deficiência na escola e na classe regular. Envolve o fornecimento de suporte de serviços da área de educação por intermédio dos seus profissionais. A inclusão é um processo constante que precisa ser continuamente revisto.

A Constituição Federal (artigo 208, inciso III) estabelece o direito das pessoas com necessidades especiais receberem educação preferencialmente na rede regular de ensino, mas colocar este direito em prática não significa apenas inserir os alunos em um espaço físico escolar, a inclusão requer muito além de uma mera socialização, “a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora” (Mantoan, 2003, p. 20).

Ainda para Mantoan (2003), a escola resiste até hoje à inclusão, pois é incapaz de atuar diante da complexidade, da variedade, da diversidade, ou seja, da diferença existente entre os seres humanos. Infelizmente, ainda é uma realidade vivenciada em nossas escolas, aceitar que somos diferentes, que cada um tem seu tempo e encarar que a inclusão possa ser algo concebível

e realizável. As crianças com necessidades especiais devem ser acolhidas por toda comunidade escolar e é preciso acreditar que em seu tempo, são capazes de aprender.

A inclusão escolar precisa ser trabalhada além do simples acesso de alunos com necessidades especiais às redes regulares de ensino. Estes alunos buscam objetivos além da socialização e cabe à escola se adequar às necessidades de cada um, proporcionando uma educação de qualidade a todos, o que “implica em mudanças substanciais em toda sua estrutura, pois a escola para todos tem que garantir entrada, permanência e qualidade cumprindo efetivamente seu papel social” (Carneiro et al., 2014, p.11).

Nesta perspectiva, Mittler (2003, p. 25) afirma que:

No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. Isto inclui o currículo corrente, a avaliação, os registros e os relatórios de aquisições acadêmicas dos alunos, as decisões que estão sendo tomadas sobre o agrupamento dos alunos nas escolas ou nas salas de aula, a pedagogia e as práticas de sala de aula, bem como as oportunidades de esporte, lazer e recreação.

O que se espera da escola inclusiva “é que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças” (Mantoan, 2003, p. 14). Assim, como afirma Morin (2001), para se reformar a instituição, é necessário reformar as mentes, mas não se pode reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições.

Viver situações diferenciadas e ter a oportunidade de conhecer e conviver com pessoas diferentes de nós, só nos traz benefícios, aprendemos a aceitar os desafios, vencer o preconceito e encarar a realidade que nos cerca. Conforme Santos (2003, p.56) afirma: “é preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza”.

Pensar em inclusão é pensar que todas as crianças sejam beneficiadas em todo o sistema de educação por “motivos morais, lógicos, científicos, políticos econômicos e legais” (Mendes, 2006, p.388).

Com isso, retomamos a vertente de se trabalhar com a educomunicação como forma de auxiliar essas crianças com deficiência, através de um ensino lúdico e prazeroso com intuito de contribuir para o seu processo de aprendizagem. Sendo assim, destacamos o jornal mural como uma ferramenta que propicia esta aprendizagem, com o objetivo de promover a inclusão neste ambiente de ensino. A partir desta experiência, é possível que a criança reflita sobre sua participação social, construindo sua identidade.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que os recursos pedagógicos utilizados no sistema educacional de ensino, devem promover mudanças significativas na aprendizagem, como afirma Schiochet (2010, apud, Almeida, 2006, p.51):

Faz-se necessário mudar e adaptar as práticas pedagógicas, buscando variações metodológicas durante as aulas, com o intuito de desafiar e estimular o aluno em sala de aula. A criança deve ter a oportunidade de aprender com a interação das diferentes linguagens que as tecnologias oferecem. Deve-se aproveitar das tecnologias como recurso a fim de melhorar a qualidade do processo de ensino/aprendizagem em nossas escolas. Para isso, torna-se essencial o professor planejar essa utilização, de forma que vincule os objetivos propostos aos conteúdos a serem desenvolvidos.

A contribuição do lúdico e dos recursos tecnológicos no ambiente escolar favorece a aprendizagem e adaptação dos conhecimentos de acordo com as necessidades apresentadas pelos alunos, garantindo aos mesmos, participação em todas as atividades em diferentes espaços da escola, fruto de um trabalho coletivo de todos os profissionais da escola inclusiva.

De acordo com Carneiro et al (2014, p.15), que faz referência à Declaração de Salamanca (1994), “o ensino deve ser diversificado, rico, criativo e realizado em um espaço comum a todas as crianças”, desta forma, torna-se conveniente trabalhar com práticas pedagógicas diferentes do tradicional para que o ensino não fique exaustivo.

Pensando sobre as práticas pedagógicas lúdicas e, compreendendo que espaços inclusivos consideram verdadeiramente todos como sujeitos do processo de aprendizagem, ressaltamos que o jornal mural, além de uma atividade lúdica pode ser considerado como uma estratégia para transformamos o contexto educacional em um espaço inclusivo.

Além disso, utilizar o jornal mural como um recurso educacional no ambiente escolar, é levar em consideração que a criança deficiente participe do processo de aprendizagem questionando, refletindo e construindo uma nova realidade para o contexto educacional. Como forma de instaurar esta ação educacional, utilizamos este recurso didático em uma comunidade escolar no município de Barbacena - Minas Gerais, a fim de auxiliar no processo de aprendizagem desses alunos, respeitando suas necessidades e particularidades, com intuito de promover resultados benéficos, para que estes alunos consigam acompanhar e concluir todas as etapas educacionais dentro do ensino regular, de modo a colaborar para seu desenvolvimento. Assim, apresentaremos no próximo capítulo os resultados positivos desta ação educacional, através do jornal mural, para as crianças especiais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As práticas pedagógicas lúdicas propiciam métodos de aprendizagem de forma dinâmica, prazerosa e benéfica para todo contexto escolar. Assim sendo, o jornal mural se configura como um instrumento educacional que permite a execução de uma prática pedagógica dinâmica e interdisciplinar. Nesse sentido, elaboramos um projeto de extensão que utiliza o jornal mural como um importante instrumento de inclusão escolar e de execução de atividades lúdicas e envolventes, auxiliando a aprendizagem dos alunos e proporcionando diferentes situações didáticas na busca do conhecimento. Neste tópico, iremos abordar o desenvolvimento deste projeto, a implementação do jornal mural e o quanto importante é esta prática na inclusão escolar.

O trabalho docente deve ser construído sobre diferentes estratégias pedagógicas e o professor, como mediador do ensino e da aprendizagem dos alunos, precisa refletir sobre estas práticas de ensino a fim de proporcionar uma aprendizagem que busca novos ensinamentos para o sucesso escolar. Desta forma, os projetos educativos e o trabalho com o lúdico, possibilita um ensino dinâmico e flexível, pois “ajuda a desenvolver o cognitivo, facilita a aquisição da aprendizagem e contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico da criança, principalmente daquelas que apresentam algum tipo de dificuldade” (Carvalho e Carvalho, 2012, p. 29).

A criança que vivencia experiências lúdicas em seu contexto escolar se torna mais confiante e participativa em atividades escolares. Segundo Kishimoto (2011), com a ludicidade a criança desenvolve habilidades e competências indispensáveis a sua atuação social. Ainda neste sentido, Carvalho e Carvalho (2012, p.33) ressalta que “o lúdico faz parte de várias propostas pedagógicas interdisciplinares na construção da aprendizagem, sendo o professor mediador desse processo” que contribui para a produção do conhecimento.

Segundo Rossetti (2004, p.11), as mudanças observadas entre as crianças e jovens que participam de projetos educativos,

[...] reúnem o trio, educação, comunicação e participação: ampliam seu vocabulário e repertório cultural, aumentam suas habilidades de comunicação, desenvolvem conhecimentos em grupo, negociação de conflitos e planejamento de projetos, melhoram o desempenho escolar, entre outros ganhos.

Sendo assim, o jornal mural aparece como auxílio a esta demanda educacional, de forma a contribuir e enriquecer a prática do ensino e da aprendizagem, concedendo a participação de toda a turma. Além disso, este instrumento educacional, possibilita a participação de toda

e qualquer criança neste processo de aprendizagem, de modo que se construa uma nova realidade no ambiente escolar.

O público alvo são crianças atendidas que apresentam alguma deficiência, dificuldades de aprendizagem, transtornos e/ou síndromes e, que serão inteiramente envolvidas no processo de elaboração do jornal mural, bem como toda a comunidade escolar.

Assim sendo, o referido projeto que tem como foco contribuir com o processo de inclusão escolar em duas escolas regulares do município de Barbacena-MG, utiliza a educomunicação através da implementação do jornal mural e, tem como subsídios os conceitos de Educação Inclusiva e educomunicação, no qual pretendemos viabilizar uma intervenção na atual educação inclusiva da cidade, uma vez que todas as crianças têm direito à uma educação de qualidade, conseqüentemente têm direito a ser protagonistas no processo de ensino aprendizagem.

Deste modo, para a aplicação deste projeto, efetuamos algumas ações para que o resultado seja benéfico para todo contexto escolar. Para tanto, realizamos visitas às escolas participantes, estudos com fundamentação teórica, encontros semanais mediados pela coordenadora do projeto juntamente com as bolsistas para discutirmos e compartilharmos informações necessárias para a implementação do jornal mural. Desta forma, estabelecemos algumas demandas de conteúdos interdisciplinares que poderiam ser trabalhados. Estes são alguns exemplos de reportagens que foram planejadas: Patrono da Escola; Festa Junina; Jogos e Brincadeiras; Combate à Poluição; Hábitos de Higiene Corporal e Pessoal; Dia Das Crianças; Consciência Negra; dentre outras.

Para que explorássemos mais sobre as temáticas realizadas, estabelecemos que a montagem do jornal mural fosse realizada mensalmente, sendo que ao longo do mês os alunos realizariam atividades referentes ao tema segundo sua faixa etária e necessidades educacionais. Para a implementação do mural, no qual os responsáveis eram os próprios alunos atendidos, reuníamos todos para um diálogo referente às atividades que foram propostas, assim, compartilhávamos experiências adquiridas ao longo do mês e com isso, se tornaram mais participativos e reconhecidos no ambiente escolar, estimulando cada vez mais sua autoestima. Importante destacar que esse mural não é temático e nem um mural de exposição de atividades, mas, mais do que isso, ele representa um instrumento pedagógico de entrelaçamento dos conteúdos estudados ao longo de um mês, trazendo informações importantes acerca do tema estudado.

Nossa primeira temática do ano de 2018 foi muito importante para toda a comunidade escolar, no qual realizamos atividades acerca do Patrono da Escola, a fim de destacar sua

importância para o município de Barbacena. Desta forma, estudamos sobre sua história de vida, aspectos geográficos referentes à localização da cidade natal do patrono e de Barbacena no Estado de Minas Gerais, assim como a localização da escola. Elaboramos também uma linha do tempo sobre a escola, desde sua fundação até os dias atuais, mostrando as principais mudanças ocorridas com o passar do tempo. Além disso, produzimos a caricatura do patrono como forma de trabalhar a coordenação motora fina dos alunos, corpo humano e percepção visual.

Após a realização dos estudos acerca do patrono, iniciamos a montagem do jornal mural como forma de apresentar para toda a comunidade escolar as atividades que foram desenvolvidas e os saberes que foram adquiridos, bem como a reportagem

Montamos também, o mural referente ao dia da Consciência Negra, no qual destacamos pontos importantes, como o respeito ao próximo, a luta dos negros no Brasil, o direito a igualdade de oportunidades, a discriminação, os problemas que os negros ainda continuam enfrentando na atual sociedade, aprendemos também um pouco da história do Zumbi dos Palmares e sua importância para este movimento. Além disso, estudamos a localização geográfica dos quilombos, realizamos contos de histórias dos autores, Ana Maria Machado e Ziraldo, e atividades que envolveram a coordenação motora fina.

Ao final da montagem os alunos ganharam uma lembrança (representada na fotografia 9), com intuito de continuarmos incentivando-os e como reconhecimento do trabalho produzido por eles próprios.

Com a implementação do jornal mural, percebemos que houve uma mudança significativa no olhar para as diferenças, os alunos tiveram mais estímulos para aprender, passaram a ser mais participativos nas aulas e nas atividades escolares. Nesse sentido, Carvalho e Carvalho (2012, p.38), afirmam que:

[...] a ludicidade contribui para a aquisição da aprendizagem das crianças com necessidades educativas especiais, inseridas na rede regular de ensino as quais passam por um processo de integração, e inclusão escolar onde o respeito e a valorização das diferenças são alvos a serem atingidos por toda a sociedade.

Ao trabalhar com a forma lúdica, especialmente com o jornal mural, percebemos que a inclusão também se faz presente através de ideias e ações inovadoras, por ser um modelo dinâmico e prazeroso, facilita a aprendizagem e torna os alunos mais confiantes e satisfeitos, pois percebem que seu trabalho é reconhecido por toda a comunidade escolar. Além disso, o jornal mural é um recurso pedagógico que abrange inúmeras informações e conteúdos sobre

vários assuntos, por ser um modelo interdisciplinar, possibilita a aprendizagem de vários conteúdos. Deste modo, é preciso que saíamos do tradicional, para que a qualidade do ensino seja mais eficaz, pois “precisamos de professores não apenas motivados e comprometidos, mas também com a formação a lapidar” (Carvalho e Carvalho, 2012, p. 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo, observamos que com a implementação do jornal mural os docentes estariam frente a uma nova realidade que busca uma prática pedagógica lúdica e inclusiva, dando voz, escutando e conhecendo a realidade do aluno, tornando possível a inclusão no decorrer das ações educacionais realizadas nas escolas.

A educação, além de contribuir no processo de ensino e aprendizagem dos discentes, permitir a divulgação de informações de diferentes assuntos e estimular a participação de todos os envolvidos no contexto escolar através de métodos pedagógicos eficientes, busca um novo campo de estudo em que as tecnologias exercem papel fundamental nesse processo. Com isso, no decorrer da aprendizagem dos alunos, aplicar novas metodologias de ensino, em que os meios de comunicação circulam seus interesses de estudo, garante a todos a livre expressão, transformando-os em sujeitos autônomos, pensantes e participativos no ambiente escolar.

Com a implementação do jornal mural ficou visível que os alunos se dispuseram de maior interesse em participar das atividades e dos assuntos abordados. Assim, com participação ativa em todos os momentos da construção do jornal mural, os resultados foram satisfatórios.

Desta maneira, por meio da utilização de práticas pedagógicas lúdicas, em especial o jornal mural, como um instrumento da inclusão escolar, nos fez perceber que a inclusão é algo realizável e que independente de deficiências, qualquer aluno é capaz de executar em seu tempo as atividades propostas, transformando-os em sujeitos críticos, que refletem acerca das diferenças que existem no cenário escolar.

Portanto, trabalhar com projetos educacionais e interdisciplinares, são essenciais no cotidiano escolar, pois os alunos com necessidades educacionais especiais se tornam parte integrante da escola como sujeitos ativos e participativos no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que auxiliam as ações que influenciam o ensino e são de fato inseridos neste sistema. Desta forma, as práticas educacionais intermediadas pela educação, principalmente com o jornal mural, são recursos eficientes para alcançar resultados positivos e significativos no processo de aprendizagem e na inclusão escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Salete Bortholozzi. Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Curitiba: SEED/PR., 2014, v. 2. (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_pdp_maria_salete_bortholazzi_almeida.pdf>. Acesso em: 18/01/2019.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre as necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 24/02/2019.
Relma Urel Carbone. et al (orgs). **Educação Especial e Inclusiva: Mudanças para a Escola e Sociedade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

CARVALHO, Edemir; CARVALHO, Carmen Silva B. F. (org.). **Práticas pedagógicas: entre as teorias e metodologias, as necessidades educativas especiais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 192 p.

GRANDE, Rosilene Munhoz Casa. Inclusão: privilégio de conviver com as diferenças. 2006. 37 f. **Trabalho de conclusão de curso (graduação)** – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF). Campinas, SP. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=20829>. Acesso em: 15/01/2019.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 1. 207 p.

MANTOAN, Maria Tereza Egler. Inclusão é o Privilégio de Conviver com as Diferenças. **In Nova Escola**, maio, 2005. Disponível em: <<http://www.adiron.com.br/arquivos/privilegio.pdf>>. Acesso em: 12/02/2019.

_____. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003. 51 p.

MARQUETI, Adriana Rocha Rodrigues. **A inclusão do deficiente auditivo na educação infantil: a atuação do professor**. Monografia apresentada ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, para graduação em Pedagogia. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56027.pdf>>. Acesso em: 12/02/2019.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A Radicalização do Debate Sobre Inclusão no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. v.11, n.33, p. 387-402, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a02v1133.pdf>>. Acesso em: 12/02/2019.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. **História, Deficiência e Educação Especial**. Reflexos desenvolvidos na tese de doutorado: A Prática pedagógica do professor de alunos com deficiência mental. São Paulo. Unimep, 2003. Disponível em:

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art1_15.pdf>. Acesso em: 14/02/2019.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva**: Contextos Sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 4. ed. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

MRECH, Leny. Magalhães. O que é educação inclusiva? **Revista Integração**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, ano 6, n.20, p. 37-39, 1998. Disponível em: <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/10/1-o-que-e-educacao-inclusiva.pdf>>. Acesso em: 14/02/2019.

ROSSETI, Fernando. **Educação, comunicação e participação**: perspectivas para políticas públicas. Brasília: UNICEF, 2004. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/midia_escola.pdf>. Acesso em: 14/03/2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 56, 2003. 614 p.

SASSAKI, Romeu Kazuma. **Inclusão Construindo uma Sociedade para Todos**. Rio de Janeiro. 5° Ed. WVA, 2003.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, Willian. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: editora Artmed, 1999.